

A outra

*Lindinaura Canosa**

Torso arcaico de Apolo

Não sabemos como era a cabeça, que falta,
De pupilas amadurecidas, porém
O torso arde ainda como um candelabro e tem,
Só que meio apagada, a luz do olhar, que salta

...

A outra é um filme que contempla várias interpretações. Tal como num sonho, que se fosse possível ser completamente interpretado, condensaria a história do sonhador. E os sonhos ocupam relevante recurso nesta obra. Apresentam as ambiguidades, conflitos e, como todo sonho, realização de desejos.

O filme é permeado de referências artísticas: *Torso arcaico de Apolo*, poema de Rilke, *Morangos silvestres* de Bergman e *A esperança* de Klimt, com a trilha sonora que passa por grandes momentos da música atravessados por Bach, Mahler, Cole Porter, entre outros.

A outra é metaforicamente a nossa outra vida, dos desejos, do medo, dos abismos.

Uma crítica sobre o filme fez um comentário curioso: que ele pode poupar cinco anos de análise. O que não é pouco em tempos tão escassos de dinheiro e fartos de pressa. Marion, a protagonista, uma mulher cinquentona, se depara com o vazio afetivo de sua existência através das paredes do consultório de um

* Psicanalista da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ), coordenadora do seminário do Instituto de Formação da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ), mestrado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

psiquiatra, e das sessões de outra mulher. Aluga um apartamento vizinho ao consultório para escrever um livro, longe de sua vida cotidiana. Porém, a partir desta decisão de manter o seu mundo asséptico, é lançada ao universo do qual sempre se manteve cautelosamente à distância.

A partir desta vizinhança é que a história evolui para os vazios existenciais. O pano de fundo é o escutar e não conseguir interromper uma mulher que inicialmente é uma voz, refletindo sobre seu próprio casamento e a estranheza que a assombra. Até então uma voz que penetra no esconderijo de Marion e da qual ela não pode mais fugir. Ao espreitar pela greta da porta, vê uma jovem mulher grávida. A voz anônima toma corpo. Um corpo grávido.

Esta mulher de 50 anos, que vivia até então soberbamente supondo que era uma pessoa realizada e pacificada de atribulações, é lançada ao mundo desconhecido da dúvida e do conflito. Pensamos como ponto inicial de discussão o viés da solidão da neurose obsessiva na mulher. A neurose obsessiva na mulher oferece desdobramentos diferentes da neurose obsessiva masculina. Vamos nos ater a esta organização que pressupomos ser o arcabouço do sofrimento de nossa protagonista.

Certamente discutir uma obra de arte é um terreno muito delicado, é uma tarefa ambiciosa e frustrante. Muitas vezes os autores consideram curiosas as interpretações de suas obras, remetendo-as a fontes muito diferentes e mais prosaicas que as nossas interpretações teóricas.

Mas de algum porto se há de partir.

A dinâmica obsessiva feminina gira em torno do reconhecimento. Reconhecimento que não lhe falta, mas está sempre de sobreaviso para manter o posto. Há uma aposta maciça por parte do pai. Todas as fichas são lançadas na mesa. Seu pai expressando o seu reconhecimento em detrimento, por vezes, do outro filho que trata com desprezo. Esta é a questão principal da neurose obsessiva feminina. A filha tem o reconhecimento, mas, para sustentar esta montagem, paga um preço excessivamente alto. O que aparenta ser um grande amor e apreço paterno tem um preço exorbitante com juro e mora. Ela tem que pagar com seu sucesso. Levar suas realizações a um Olimpo que atenda ao brilho de desempenho almejado pelo pai. É a problemática do desejo paterno que parasita o psiquismo da filha decretando que o desejo do pai não se contesta, não se transgride. A filha passa a ser surda aos seus próprios desejos; nem mesmo tem intimidade com eles. É o sujeito da necessidade. Os desejos paternos são necessidades. É preciso que faça. Esta filha é encarregada da indenização fálica paterna. Há um desapontamento com sua própria figura masculina e, conseqüentemente, a do filho. A filha é a depositária das realizações paternas, e objeto odiado pelo irmão. Triunfa diante da indiferença do pai por sua mãe. A escolha

em que é lançada não é da ordem dos seus desejos e dos seus conflitos. É precipitada no vazio existencial. A solidão desabitada. Vive por conta do outro, sem conseguir se livrar desta dívida, que nem sabe que deve. A escravidão subjetiva.

Marion era intelectual brilhante, admirada, exibida pelos homens de sua vida. Exceto o primeiro marido que lhe lança em rosto sua indiferença, sua incapacidade de doação, seu egoísmo. Não quer renunciar a seu brilho intelectual pela geração de uma criança.

Certo dia as duas mulheres se encontram, por acaso, numa loja de antiguidades. O encontro de Marion e Hope, esta outra mulher em plena exuberância da gravidez se dá diante do quadro, *A esperança*. Hope chora. Marion a consola.

O encontro se estende com um almoço. O almoço com a jovem mulher é o ponto de inflexão para o balanço que faz de sua existência anestesiada. Falam de seus desejos e da renúncia a eles. Ambas tinham pendores abandonados para a pintura, que ficaram no passado. No caso da Marion, desestimulada pelo pai. O pai dela já tinha um projeto pré-estabelecido para ela. Seria uma acadêmica de sucesso. E neste momento no qual Marion confia os seus desejos a Hope, no mesmo local, estão sua amiga e seu marido, na carnalidade do desejo.

Marion faz um levantamento da sua história. Sobre as renúncias com as quais vem se defrontando. Da renúncia aos afetos, da renúncia à maternidade. De como seria bom ter tido uma criança na sua vida – o imprevisto, a espontaneidade e a exuberância do mundo infantil.

Marion no encontro com a jovem faz sua primeira sessão de análise.

A mulher obsessiva faz uma recusa do corpo, comportando-se como se ele não existisse. Pura essência intelectual ou de desempenho. Fica embaraçada diante das expressões do desejo, da brincadeira e do inusitado, isto é, do sexual. São as belas mortas.

Marion denuncia ao marido a farsa de suas vidas. Das vidas performáticas que havia entre os dois. Ela também era um troféu para o marido, “a mulher mais atraente”. Mas não a mulher da paixão.

Pensamos, diante da reflexão de Marion, como seremos depositários das vidas alheias se não alimentarmos os laços da nossa própria vida. A descontração do riso, o espaço do brincar, de ouvir e falar no território de trocas. Mas também a solidão povoada. De intercâmbios em palavras com os próximos, e não somente de intercâmbios corpo a corpo ou de presença apenas visível.

É pujante a cena em que a Hope relata o encontro das duas para o psiquiatra. Fala da Marion como uma mulher bem-sucedida, mas ressentida. Triste.

O grande momento da virada do personagem se dá quando ela vai até o consultório do psiquiatra para denunciar o vazamento das vozes, e pergunta sobre a mulher grávida e ele responde: acabou o tratamento, ela se foi.

Abre o livro escrito pelo que foi sua última paixão da qual fugiu e que criou um personagem com a memória do que viveram. Lá se reencontra com a mulher que foi, mesmo em momento passageiro. A mulher capaz de se apaixonar.

Sair do lugar das *Belas mortas*.

O torso arcaico de Apolo e a Esperança.

O torso arcaico de Apolo e o devir anunciado.

A imagem dinâmica corresponde a um “desejo de ser” e de perseverar em um advir. (...) *não tem, portanto, representação que lhe seja própria, ela é tensão de intenção*. Sua representação seria a palavra “desejo”, conjugada como um verbo ativo, participante e presente no sujeito, na medida em que encarna o verbo ir (...) ligado a cada uma das três imagens de comunicação atual ou potencial com as outras duas. *A imagem dinâmica expressa em cada um de nós o Sendo, chamado o Advir: o sujeito em direito de desejar, eu gostaria de dizer “em desejância”* (DOLTO, 2012, p. 45).

...

E brilha. Se não fosse assim, a curva rara
Do peito não deslumbraria, nem achar
Caminho poderia um sorriso e baixar
Da anca suave ao centro onde o sexo se alteara.

Não fosse assim, seria essa estátua uma mera
Pedra, um desfigurado mármore, e nem já Resplandecera mais
como pele de fera.

Seus limites não transporia desmedida
Como uma estrela; pois ali ponto não há
Que não te mire. Força é mudares de vida.

(Rainer Maria Rilke)

Novembro de 2019

Lindinaura Canosa
lindicanosa@terra.com.br
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

- ARAÚJO, M. C. de; MAYA, M. C. B. (Org.). *Neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Letter, 1992.
- BIRMAN, J. (1946). *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. (1946). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DOLTO, F. *Destinos de crianças*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *Inconsciente e destinos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- _____. *Quando surge a criança*. Campinas: Papyrus Editora, 1996.
- ELIACHEFF, C.; HEINICH, N. *Mères-filles: une relation à trois*. Paris: Editions Albin Michel, 2002.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 4).
- _____. (1915). *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 14).
- _____. (1932). Feminilidade. In: *Novas conferências introdutórias*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 22).
- _____. (1937). *Análise terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 23).
- GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- KÄES, R. *A polifonia do sonho: a experiência onírica comum e compartilhada*. Tradução de Claudia Berliner. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004. (Coleção Psicanálise Século 1).
- LESSANA, M.-M. *Entre mère et fille: un ravage*. Paris: Département des Éditions Fayard, Societé Nouvelle des Éditions Pauvaert, 2000.
- _____. Algumas considerações sobre o narcisismo, as instâncias ideais e a melancolia. In: *Cadernos de Psicanálise - SPCRJ*, Rio de Janeiro, v. XII, n. 15, 1995.
- PERRIER, F. *Ensaio de clínica psicanalítica*. Tradução de Miriam Magda Giannella. São Paulo: Escuta, 1992.
- RILKE, R. M. *Torso arcaico de Apolo*. Tradução de Manoel Bandeira. Disponível em: <<http://nalinhadavida.blogspot.com/2013/12/torso-arcaico-de-apollo.html>>. Acesso em: 4 ago. 2020.